

Rosa Monteiro

***“O corpo não
é neutro, é o
espelho da
sociedade”***

A socióloga não tem dúvidas: “O sucesso e o autocontrolo são associados à magreza” e esta é uma ideia impulsionada pelas “forças de mercado, pelo mundo digital e pela ascensão da extrema-direita”



Voltou-se a valorizar o corpo magro, que é visto cada vez mais como o espelho de sucesso e de autocontrole, mas como é que a Sociologia explica estas mudanças em pleno século XXI? “A libertação e aceitação do corpo, inicialmente impulsionadas por movimentos progressistas colectivos, foram distorcidas e instrumentalizadas por forças de mercado e ideologias conservadoras, resultando numa maior pressão, controlo e individualização”, responde Rosa Monteiro, socióloga, investigadora do Centro de Estudos Sociais e professora da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

“Não estamos no fim da era da aceitação corporal, mas nota-se uma profunda transformação da forma como o corpo é percebido e gerido”, explica à *Ímpar*. O que não mudou é uma maior pressão sentida pelas mulheres, se bem que os rapazes, a motor dos *influencers* que defendem uma masculinidade tóxica, estão a cada vez mais reféns do culto do ginásio que cai em excessos. “Tudo isto tem impactos profundos na saúde mental, social e política dos indivíduos”, garante a ex-secretária de Estado para a Cidadania e Igualdade.

É o fim da era da aceitação corporal?

Não diria fim, mas há uma profunda transformação que é conduzida também pelas forças de mercado. Aquilo que era apresentado como narrativas de afirmação de uma identidade e das próprias idiossincrasias de cada pessoa e da sua diversidade, a aceitação do corpo gordo, com marcas e racializado, foi agora captado por uma óptica de afirmação de cada indivíduo. Aquilo que era um movimento colectivo – casos do feminismo, anti-racismo e anti-gordofobia – de afirmação face às pressões normativas do modelo perfeito, que é homogêneo, branco, magro e esbelto, tornou-se em algo individual.

Por que razão isso aconteceu?

O capitalismo é muito hábil em criar mercados e criou alguns a partir destes gritos emancipatórios e identitários. Algo que também aconteceu nesta questão da aceitação corporal. O corpo não é neutro e na Sociologia não é visto como o corpo físico, aliás, nas ciências sociais, em geral, o corpo é a marca, como dizia David Le Breton, um dos sociólogos mais inspiradores no estudo do corpo. Ele fala da corporificação da sociedade e o corpo é o espelho da sociedade. Nós achamos que fazemos escolhas individuais em relação ao nosso aspecto e à forma como apresentamos o corpo, mas este está cheio destas impressões sociais e marcas culturais.

A imagem corporal é o espelho de autocontrole?

Cada indivíduo é o empreendedor de si pró-

prio. E, portanto, a sua imagem corporal é o espelho moral, digamos assim, do seu próprio desempenho social, do seu sucesso e do seu autocontrole. Isto tem também correspondência, por exemplo, no domínio da saúde, em que há uma individualização da responsabilidade pela própria saúde e não sobre um sistema que não nos permite muitas vezes ter condições para ter uma vida saudável. Cada um pode ser aquilo que desejar, é a retórica do empoderamento aplicado ao corpo.

Mas o corpo feminino sempre sofreu mais pressão do que o masculino.

Sim. As sociólogas e pensadoras feministas desde cedo chamaram a atenção para que, mesmo dentro desta socialização do que é o próprio corpo, não existe neutralidade, porque o julgamento, a pressão e a normatividade sobre os corpos femininos sempre foi muito superior aos masculinos.

Quando adoptamos uma perspectiva interseccional e olhamos para outros eixos, o corpo também sempre teve marcas de classe e estratificação social. Digamos que a adequação a esses padrões normativos é marcada pelas possibilidades efectivas que as pessoas têm para alcançar esse ideal estético e performativo, que tem marcas associadas às questões étnico-raciais e até orientação sexual. As feministas sempre apontaram esta obsessão com o corpo feminino como uma forma de controlo patriarcal.

Então, o que caracteriza hoje a aceitação corporal?

Uma fortíssima pressão para a exposição do corpo. E há aqui um paradoxo: por um lado, a aceitação do próprio corpo; por outro, a sua sobreexposição através das redes sociais. É aquilo que designamos por economia da visibilidade, que é a necessidade de estarmos a produzir uma imagem de autenticidade na busca de *likes* e de reconhecimento. Esta lógica individualizadora não é mais do que a mercantilização do próprio corpo. Podemos falar de uma dissociação entre aquilo que são as preocupações das pessoas e o seu próprio corpo. É como se o corpo fosse o nosso inimigo, porque não corresponde ao ideal estético.

Há de novo uma tendência para a valorização do corpo magro?

Sim, mas continuam a existir movimentos que defendem que cada um deve ter o tamanho que tem e que reivindicam, até junto dos profissionais de saúde, para que se evite essa pressão sobre o peso, mas para se actuar mais em termos de hábitos saudáveis. No entanto, para ter essas práticas salutares, para ser empreendedor de si próprio e do seu corpo, é preciso ter tempo, recursos e muito esforço. Isto entra em choque com aquilo que é a realidade e, portanto, cria expectativas e a ideia de que é sobre o indivíduo, sobretudo mu-

lheres, mas também rapazes, que recai a responsabilidade da sua imagem e não sobre o sistema. Num momento de crise inflacionista, e de que também pouco se fala, é importante sublinhar o preço dos alimentos. Às vezes os melhores são inacessíveis.

A magreza é vista como sinónimo de sucesso?

O ser magro foi novamente eleito como a norma e está associada a autocontrole, à auto-regulação, à pessoa que tem a capacidade de controlar o seu estilo de vida, de fazer exercício, de ter uma alimentação saudável. O que não se questiona são os modos de vida originados por este sistema de correria, de stress, de vidas muitas vezes miseráveis, de horas de trabalhos infinitas, que nos levam muitas vezes a fazer uma alimentação que não produz saúde, mas depois dizem-nos que há um comprimido que nos faz emagrecer, mas que se tem de pagar. Mais uma vez, é a responsabilização individual.

Ao mesmo tempo mantém-se o estigma em relação à obesidade.

Exacto e que reproduz ciclos de discriminação e desigualdade como problemas de acesso ao emprego, na educação e *bullying*. A questão dos medicamentos para emagrecer introduz aqui uma lógica de uma nova relação com o próprio corpo e com o consumo. O corpo é visto como um sistema que é possível otimizar.

As redes sociais têm um papel preponderante nessa pressão?

Pensamos que esta economia digital nos abre ao mundo e à diversidade, mas o que acontece é que nos fecha. Isso tem, obviamente, uma intencionalidade que não traz muito de positivo, porque o indivíduo sente-se pressionado e desde muito jovem. Vemos crianças a usar maquilhagem e cremes, vemos imagens cheias de filtros... Aqueles modos de vida que parecem perfeitos criam frustração em quem não os vive e dão origem a um estilo de consumo aspiracional, que é o da imagem e o da tal visibilidade. Há muitos profissionais da medicina estética a relatar que há jovens a procurá-los com uma fotografia com filtro para mostrarem que é assim que querem ficar. É assustador e mais ainda que exista um mercado da cirurgia estética que responda afirmativamente a isso.

Há uma popularização dos feminismos?

Sem dúvida, passámos de um movimento que era de afirmação e de libertação para ideias pós-feministas que têm um intuito absolutamente comercial. Obviamente, que isso também põe em causa aquilo que são conquistas efectivas e estruturais que, no fundo, apontam para a persistência das desigualdades, tornando tudo isto numa questão de ‘tu és capaz’. É a tal retórica do em-



poderamento que coloca a responsabilidade na suposta capacidade individual de mudar o estado de coisas. É também a cultura da confiança que defende que quem é mais confiante consegue vencer todas as barreiras. As ideias progressistas questionam as barreiras, não questionam as capacidades individuais de cada sujeito. Tudo isto é profundamente político e estamos numa era de reeducação e de retracção do espaço público, político, cultural e social.

Há uma ligação à ascensão da direita conservadora e da extrema-direita?

A minha visão é que a extrema-direita ou a direita radical, como lhe quisermos chamar, tem a sua grande arma nesta individualização das mentalidades. Portanto, a sua narrativa de moralização, de uma diferença absoluta entre o bem e o mal e entre nós e os outros, polariza a sociedade e acentua ressentimentos. É o “dividir para reinar”, é o apontar e colocar a culpa em terceiros.

Mas vemos esses movimentos a

“

Não estamos no fim da era da aceitação corporal, mas nota-se uma profunda transformação da forma como o corpo é percebido e gerido

defenderem a liberdade de expressão.

Estes movimentos, que são iliberais, vêm acompanhados de uma narrativa de liberdade de expressão, de combate aos cancelamentos, mas são os principais responsáveis pelo cancelamento do pluralismo. São actores directos desta nova ordem neoliberal, que no fundo quer e continua a querer produzir pessoas e corpos doces.

É uma manobra de diversão, pois enquanto pensamos nisso, não pensamos no que se passa à volta?

Exacto. É a questão da cortina de fumo e de um certo desvio da responsabilidade, mas também da agenda política e mediática, para focos de atenção que vão ter o efeito de distrair as pessoas. Ainda recentemente assistimos a isso em Portugal quando se falou da proibição da burqa. Mais uma vez, e voltando à análise sociológica do corpo, regressamos a uma restrição daquilo que é o corpo legítimo e estamos no século XXI...

Assistimos também a um tradicionalismo do papel da mulher?

Temos hoje movimentos que há alguns anos, considerávamos inimagináveis, como as *tradwives*. E onde pululam? Nas redes sociais, a expor o seu modo de vida perfeito. O regresso desta narrativa é acompanhado por uma masculinidade tóxica por parte de jovens que vêm dizer coisas como “as mulheres não deveriam ter direito a voto”.

Enquanto isso assistimos a uma ausência de capacidade crítica por parte das próprias mulheres, que andam preocupadas com a gestão das suas várias tarefas de vida e de uma sobrecarga que se acentua. Os nossos indicadores de igualdade estão a regredir. Vejam-se as questões da desigualdade salarial e da violência doméstica, que se têm tornado um não-assunto nos últimos tempos, deixando de ocupar o espaço mediático. O que se passa nas escolas é assustador. Esta adição dos jovens, sobretudo rapazes, às figuras da direita radical que estão nas redes é perversa e perigosa.

E associado a isso vem também a questão da imagem dos rapazes?

Exacto, o culto do ginásio, o tomar substâncias que nem sabem o que são. Estes movimentos estão ligados a tudo o que é anti-ciência e antiacademia e são os mesmos que publicitam produtos sem qualquer tipo de rigor e de validação científica. Vendem maneiras de ser. Esta masculinidade agressiva, ressentida e tradicional é um veículo para alimentar escapes como o ginásio e os casinos. Há muitos jovens viciados em jogo.

A Ímpar agradece a disponibilidade do Martinhal Lisbon Oriente, que disponibilizou espaço para esta entrevista